

Brincando com sons: os programas infantis de rádio como experiência da cultura do ouvir¹

Rodrigo Fonseca Fernandes²

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP
Centro Universitário Belas Artes, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo apresenta dois exemplos de programas infantis veiculados no Brasil, a saber: o programa “Para ouvir e aprender” da Rádio Rural de Santarém, no Pará; o programa “Rádio Maluca”, da Rádio MEC do Rio de Janeiro. O objetivo é observar nestes programas como se dão as brincadeiras entre as crianças, analisando em que medida elas fazem uso dos elementos de rádio de uma forma lúdica, ou se a brincadeira no rádio é, na verdade, uma mimetização do mundo adulto. Desta forma, é possível analisar criticamente as formas de produção de conteúdos radiofônicos para crianças, pensando a efetiva participação destas na construção de conhecimento e no vínculo com os ouvintes. Este estudo reforça a necessidade de problematizar e debater o futuro do rádio, não apenas em seus aspectos tecnológicos, mas também de forma a garantir que o seu maior benefício seja preservado: a cultura do ouvir.

Palavras-chave: rádio infantil; cultura do ouvir; jogos sonoros; vínculos sonoros.

Introdução

No momento em que muito se discute sobre o futuro do rádio, são raros os esforços no sentido de se planejar e produzir programas de conteúdo voltado ao público infantil. O movimento de segmentação do público ouvinte de rádio praticamente decretou o fim da participação da criança nos conteúdos radiofônicos. No Brasil, as escassas produções infantis se restringem às emissoras públicas ou de caráter educativo.

Em 1988, Dóris Fagundes Haussen investigava em sua dissertação de Mestrado as razões pelas quais as emissoras de rádio não investiam em produções de conteúdo para crianças. A autora entrevistou jornalistas, radialistas e publicitários, mapeando as percepções do mercado radiofônico em relação a esse tipo de programação. Jornalistas e produtores se queixam da falta de interesse por parte da publicidade em anunciar no rádio

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e do Centro Universitário Belas Artes. Coordenador do Núcleo Produção Audiovisual (NUPPA - USCS) e da Rádio Universitária Belas Artes. Membro dos Grupos de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir (Cáspes Líbero) e Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC – PUC-SP), email: rodrigo.fernandes@belasartes.br

produtos voltados ao público infantil, enquanto publicitários alegam que as produções infantis deixam a desejar no retorno em audiência, prejudicando o investimento financeiro. Através de pesquisas com crianças em forma de questionário, Haussen expôs a grande defasagem do rádio em relação à TV nos hábitos infantis:

É interessante salientar de início que, de maneira geral, ao responderem as questões sobre o rádio, as crianças mantinham uma atitude que se pode chamar de “normal”, mas ao chegar aos itens sobre a televisão seus rostos praticamente se iluminavam, demonstrando claramente sua afinidade maior com esse veículo de comunicação (HAUSSEN, 1988, p. 105).

Para levar adiante a discussão sobre a ausência de interesse das crianças nos programas radiofônicos, é necessário um mergulho na essência do ouvir como corporeidade. As questões levantadas neste artigo não podem ser tratadas como avaliação de qualificação das audiências, nem como conjunto de percepções das crianças ao material apresentado. Também não é objetivo do artigo mergulhar em questões cognitivas ou sociais do desenvolvimento da criança. O que está em jogo é a participação efetiva da criança na construção (ou desmontagem) dos programas de rádio; o que pode ser alcançado pelas operações lúdicas provocadas pelas sonoridades dos programas infantis. Trata-se, portanto, de um estudo da ontogênese do ouvir, desde os estágios mais primários da constituição corpórea, sensorial e cognitiva das crianças, até os jogos sonoros que fazem parte das produções radiofônicas para crianças. Essa compreensão das formas infantis do ouvir e do jogo infantil como desmontagem das características tradicionais do rádio é fundamental para o debate sobre o futuro das produções radiofônicas. Em uma época de saturação das imagens midiáticas (BAITELLO JUNIOR, 2005; 2010), a brincadeira infantil pode ser a saída para volta da corporeidade nos meios de comunicação.

Parte-se do princípio de que os programas radiofônicos são elaborados a partir da construção linear de narrativas, compostas pela voz do locutor, trilhas sonoras e efeitos musicais que compõem a sintaxe radiofônica (SILVA, 1999). Este modelo é resultado do desenvolvimento do fazer radiofônico ao longo de décadas; grades de programações, blocos comerciais, patrocínios, participação do ouvinte, jornadas esportivas e boletins de giro de notícias são apenas alguns exemplos dos formatos que caracterizam o rádio como meio de comunicação e sincronização social. A instrumentalização do rádio cumpre, portanto, a promessa de uma sociedade informada, organizada e preparada para o progresso. Configurado como tal, o rádio deixa de exercer em sua plenitude a função de meio de

experimentações sonoras e construções coletivas de conhecimento. Soma-se a essa problemática, o fato do rádio concorrer diretamente com a televisão pela atenção dos consumidores, incluindo os “consumidores-mirins”.

Estas observações foram parte da pesquisa de Doutorado intitulada “Rádio Brincadeira: os jogos sonoros e performances do corpo nos programas infantis”, defendida em junho de 2014 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Norval Baitello Junior. O objetivo deste artigo é reverberar uma parte das provocações lançadas pela pesquisa e pelos debates oriundos das argumentações da banca examinadora, apresentando uma análise crítica de parte do corpus da pesquisa de doutorado. Compõem o *corpus* desta pesquisa o programa “Para Ouvir e Aprender”, que faz parte do projeto “Rádio Pela Educação”, vinculado ao UNICEF. De caráter educativo, o programa é ouvido nas salas de aula e cumpre o papel de aproximar alunos e professores da comunidade de Santarém e arredores, que acontece desde a cobertura de eventos locais a leitura de cartas escritas pelos alunos de diversas escolas da região. Também o programa “Rádio Maluca”, apresentado pelo animador Zé Zuca, que convida os ouvintes mirins a ver o programa pelos “buraquinhos do rádio”. Tanto as crianças no auditório da Rádio Nacional como aquelas que estão do outro lado do aparato são provocadas a brincar com a imaginação. Como diz a locução de abertura “está entrando no ar, para confundir a sua cuca, a Rádio Maluca”. O termo “confundir a cuca” é fundamental para a compreensão da participação da criança no rádio. É importante ressaltar que este artigo compõe apenas um recorte da tese e que tem por principal objetivo provocar a discussão entre os pesquisadores do rádio, no ambiente das interlocuções próprias dos congressos de Comunicação, sobre a efetiva participação das crianças nas construções de programas de rádio.

As observações e análises dos programas acima levam em conta a importância de um olhar antropológico sobre as performances sonoras no rádio. Tais performances são, notadamente, não resultados apenas de ações verbais, mas compõem toda uma série de corporeidades que vão da fabricação de sons através de instrumentos – ou do próprio corpo – ao manuseio de canetas e papéis que vinculam alunos e professores, ouvintes e locutores em uma verdadeira orquestra³ performática, ampliando as possibilidades de vinculação e aprendizado das crianças através dos programas infantis de rádio.

³ O termo “comunicação orquestral” é proposto pelo antropólogo belga Yves Winkin no livro “A Nova Comunicação” (1998).

A cultura do ouvir

O termo que permeia os problemas levantados por esta pesquisa vem sendo trabalhado pelos pesquisadores do grupo Comunicação e Cultura do Ouvir, baseado na Faculdade Cásper Líbero. Os primeiros resultados das pesquisas sobre a Cultura do Ouvir estão publicados no livro homônimo lançado pela Editora Plêiade em 2012 com organização de José Eugênio de Oliveira Menezes e Marcelo Cardoso.

A sugestão de uma Cultura do Ouvir aponta para a necessidade de se pensar as produções radiofônicas como espaços de entrelaçamentos de narrativas sonoras, desde a voz do locutor, aos efeitos sonoros e músicas. O objetivo é recolocar o som com papel de destaque como elemento de vinculação nas performances de comunicação. As produções midiáticas atuais trazem consigo enxurradas de imagens técnicas, sedutoras, fetichistas, porém superficiais, efêmeras e de efeito devastador na vinculação social, nas formas de pertencimento de uma organização social. Pensar na Cultura do Ouvir exige um exercício de escavação, buscando uma espécie de “arqueologia da comunicação” que nos apresente elementos primitivos das vinculações humanas. As performances de comunicação que nos ligam a um ambiente e às outras pessoas são reflexo tanto de construções culturais mantidas pelas narrativas mitológicas até as relações corporais que cultivamos com aqueles que queremos por perto. E a infância é uma fase do desenvolvimento do indivíduo onde podemos buscar todos esses elementos. Em sua pesquisa, José Eugênio Menezes aponta que “a compreensão do universo da cultura do ouvir nos remete tanto aos tempos das grandes narrativas mitológicas como também à atual valorização das histórias que, antes de dormir, algumas famílias contam às crianças” (MENEZES, 2012, p.22). A comunicação é fundamental para a construção e fortalecimento desses laços afetivos; narrativas e corpos que se entrelaçam numa forma de comunicação que extrapola a linearidade do antigo modelo “emissor-canal-receptor”.

Portanto, o que se busca na análise dos programas a seguir são momentos em que as narrativas sonoras e os corpos se refletem, se entrelaçam, oferecem às crianças a chance de aprender, se reconhecer, brincar e criar com as sonoridades do rádio. Fica clara, então, a importância pedagógica dos programas infantis, mas não apenas na sua forma clássica de educação. O rádio também pode garantir à criança o estímulo à criatividade, à subversão e, principalmente, educar a criança a ouvir.

Rádio Maluca

O programa Rádio Maluca foi ao ar de 2004 a 2015 na Rádio MEC AM do Rio de Janeiro aos sábados pela manhã. Era apresentado pelo radialista, cantor e escritor José Carlos de Souza, conhecido entre as crianças como Zé Zuca, que faleceu no dia 29 de maio de 2015. A Rádio Maluca compunha a última hora do programa Estação Brincadeira. A apresentação era feita ao vivo das 11h da manhã ao meio dia, normalmente do auditório da Rádio Nacional. Com a reforma do antigo prédio do jornal “A Noite”, onde está localizado o auditório da Nacional, os programas passaram a ser apresentados em palcos alternativos como o SESC e o teatro da Livraria Cultura.

A música de abertura do programa anuncia a brincadeira que chega sorrateira pelo rádio, em tom provocativo, mexendo desde o começo com o corpo da criança. Ouvidos, olhos e pele são conectados aos apresentadores pelos “buraquinhos do rádio”. A voz cômica e provocativa anuncia:

Do Auditório da Nacional, ou de um buraco de rato, talvez.
Entrando pelo fio de um microfone, chegando de mansinho, pelos fundos do seu rádio. Está entrando no ar, para confundir a sua cuca, a Rádio Maluca!

Na sequência ouve-se a música de abertura do programa:

Passa o rádio tocando, vem no rádio tocar / traz o peito da vaca, que o bebê quer mamar. / Quem não mamou não demora a berrar / Salve a Rádio Maluca que acabou de chegar. /

Os cachorros, papagaios, mexem as roupas no varal / Escondem frutas, melancias, melodias no cordão. / E o rádio “Heya!”, grita “Heya!”, emoção. / Temos artistas, divertindo, colorindo a multidão. E o mundo “Heya!”, pinta “Heya!”, coração. /

Passa o rádio tocando, vem no rádio tocar / traz o peito da vaca, que o Dedé quer mamar. / Quem não mamou não demora a berrar / Salve a Rádio Maluca que acabou de chegar (Zé Zuca, s.d.).

O palco do teatro é decorado com instrumentos de percussão, adereços como galinhas de borracha e retalhos de panos. Ao lado de Zé Zuca encontra-se empunhando um violão o músico Mariano. A dupla de apresentadores convida as crianças a participarem do programa através dos buraquinhos da caixa de som, dizendo que a Rádio Maluca é o “programa que você vê pelo rádio”. Assim, as crianças são estimuladas em sua imaginação, trabalhando na criação de imagens endógenas. Essas imagens estão repletas das memórias

afetivas das crianças e são resultado de um aprendizado corporal, para além das atividades puramente mentais. Como afirma o próprio apresentador Zé Zuca:

Rádio Maluca é o programa que você vê pelo rádio. Então a gente faz um programa no rádio, mas um programa cheio de imagens, de visual, tem cenário a Rádio Maluca. A gente brinca que você pode ver as coisas que estão acontecendo no programa pelos buraquinhos do seu rádio. Então tem toda essa coisa de exercitar a imaginação da criança. A gente não usa didatismos, mas o programa, antes de mais nada, é um programa para diversão. Mas ele tem muito conteúdo cultural que pode ser aproveitado pelos educadores, pelos pais com as crianças, mas acima de tudo pelas próprias crianças⁴.

A participação da criança extrapola os indicadores de fluxo de informação, as interatividades da comunicação telegráfica – emissor, canal, receptor – quando Zé Zuca decora o palco e o enche de música para que as crianças observem pelo buraquinho do rádio. É desta forma que o programa “confunde a cuca” dos ouvintes mirins, provocando o corpo a reverberar as brincadeiras do palco na sala de casa, buscando cores, texturas e sons que completem as imagens propostas pelos apresentadores. Tais performances sonoras no rádio foram analisadas por José Eugenio de Oliveira Menezes (2007) a partir da noção de “trânsitos sonoros”, que diz respeito às imagens sonoras que transitam pelos aparatos técnicos, religando dois ambientes e vinculando os corpos. As brincadeiras da Rádio Maluca conectam as crianças através das performances sonoras no palco da Rádio Nacional que transitam pelas caixas de som e se espalham pelo ambiente de escuta, vibrando na pele e nos ouvidos das crianças que procuram enxergar “pelos buraquinhos do rádio”. A Rádio MEC AM e a Rádio Nacional se tornam, portanto, extensões de toda performance experimentada no auditório. As crianças são conduzidas pelo protagonista Zé Zezuca que, após as saudações, lança a pergunta: “vocês sabem quem eu sou?”:

Eu sou aquele que fala cantando / Eu sou aquele que vive tocando /
Vou convidar você pra brincar, lalala / Eu sou o Zé, o amigo Zé Zé
Zuca...

As palavras Zuca, maluca e cuca jogam e rimam no ritmo musical da abertura do programa. Tal jogo sonoro não apenas facilita a atenção e a memória da criança, como a estimula sensorialmente a mexer seu corpo e participar ativamente, em seus cinco sentidos, das brincadeiras; estejam elas no auditório ou ouvindo pelo rádio.

⁴ Entrevista em vídeo divulgada no site da Empresa Brasileira de Comunicação – EBC. Disponível em <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2014/08/programa-infantil-de-radio-completa-10-anos>. Acesso em 21/07/2014.

A seguir são apresentados dois exemplos do programa que ajudam a problematizar a necessidade de se pensar um rádio infantil menos narrativo e mais corpóreo. O primeiro exemplo apresenta um momento do programa em que o apresentador dá o microfone às crianças, trazendo à tona a imprevisibilidade dos jogos infantis. Como o nome sugere, a provocação às crianças não é apenas narrativa, mas mexe com todo o corpo, que corre, foge, se esconde, pula e prepara as respostas mais inesperadas às perguntas do apresentador. O segundo exemplo, por outro lado, aponta uma performance corporal da imaginação de uma criança, que brincava de ser uma fada, mas que a transmissão radiofônica não foi capaz de captar e incorporar ao programa.

Eu vou te provocar

Neste quadro as crianças começam de fato a participar do programa. A cada episódio é proposto um tema a ser debatido nos espaços do teatro. Zé Zuca desce do palco e interage com as crianças, levando o microfone aos grupos que já se formam entre as poltronas e na boca do palco. Neste momento, muitas das crianças já não estão mais sentadas em suas poltronas; muitas correm em direção ao apresentador, outras se encolhem em sua timidez e procuram proteção nos corpos dos seus pais.

As perguntas normalmente se referem a preferências ou percepções, como por exemplo: você tem um bicho de estimação em casa? O que dá para ver da sua janela? Qual a sua comida preferida? Quem apresenta o tema do dia e os canais de interação é a chamada “voz da produção”, momento em que a pessoa responsável pela produção do programa entra em *off*, sem que as crianças no teatro saibam onde ela está. Esta voz convoca as crianças que estão ouvindo o programa a participarem pelo telefone, e-mail ou pela página do programa na rede social *Facebook*. Ao final do programa são sorteados brindes aos ouvintes, como livros e CDs.

O apresentador desce do palco até as poltronas do teatro, onde crianças experimentam diferentes tipos de sensações e performances corpóreas. Muitos se projetam para próximo ao palco, na tentativa de ser o primeiro a ser abordado por Zé Zuca. Outros buscam refúgio no colo dos pais. Zé Zuca aponta o microfone para as crianças, buscando aqueles mais ágeis; por vezes segue uma ordem lógica pelas fileiras do teatro. Mas sempre causando um grande alvoroço entre as crianças presentes. Está claro que a provocação não se restringe ao tema abordado e a uma simples resposta, mas se trata de um jogo corporal, tal qual um jogo de “pega”. O espaço entre o palco e as poltronas é invadido por crianças

que tentam chegar primeiro ao apresentador, como em um jogo de *âgon*, ou de competição na classificação de Roger Callois (1990), ávidas em participar da brincadeira que consiste em responder questões no microfone.

Como exemplo, um dos temas foi o folclore brasileiro, logo a provocação do dia era saber qual dos personagens do folclore a criança mais gostava. Antônio, de 6 anos de idade respondeu “Saci Pererê”, já Jean Luca e Cauã, ambos de 4 anos, responderam a Mula sem Cabeça. A Cuca também foi citada, pela menina Bárbara de 10 anos. No fim das perguntas, Zé Zuca pergunta a Mariano seu personagem preferido, que responde gostar do Saci, pois este rouba as comidas das casas alheiras. “Mas Mariano, você só pensa em comida”.

No palco: contar histórias e fantasiar-se

Em uma das visitas ao auditório da Rádio Nacional, minha chegada antecipada ao Rio de Janeiro possibilitou o acompanhamento mais próximo do processo de montagem do palco e ensaio com as crianças. Nesse dia a contadora de histórias fez sua performance com a ajuda de uma criança da plateia. Foi escolhida uma menina de aproximadamente cinco anos de idade, que vestia uma fantasia de fada. A contadora de histórias trouxe consigo uma maleta repleta de brinquedos, que serviriam de apoio para a história da “Dona Baratinha”. Durante o ensaio, ainda com a plateia vazia, ao abrir a maleta, a contadora deu um animal de brinquedo à criança, dizendo que este queria casar-se com a Dona Baratinha. A participação da menina consistiu em imitar o som do animal que ela tinha em mãos, para que a Dona Baratinha se assustasse com o som e desistisse de casar com cada um dos animais. Mas já durante o ensaio a pequena fada se agitava pelo palco da Rádio Nacional, dando ao cavalo que estava em suas mãos o poder de voar. Apesar das tentativas da contadora de histórias em manter a menina próxima ao microfone, a pequena fada conduzia o cavalo de plástico pelos ares, impedindo a continuidade da história que se desenvolvia em frente ao palco.

Este pequeno acontecimento é importante para que se observe a dificuldade de um adulto em trazer a criança para performance marcada teatralmente. A fantasia já estava acontecendo naquele momento na cabeça da criança, embora não estive de acordo com a proposta da contadora de histórias. Em seus gestos, a menina nos revelava ritualizações comuns nossa cultura: o cavalo que voa, como diversos cavalos alados em histórias infantis; a própria fantasia de princesa que a criança vestia já a colocava mimeticamente em um

universo fantástico (WULF, 2013; GEBAUER e WULF, 2004), onde seria perfeitamente aceitável o uso de um cavalo voador em suas histórias mentais.

Para ouvir e aprender

Outro exemplo de programa infantil em rádio tradicional é o “Para ouvir e aprender”, vinculado ao Projeto Rádio Pela Educação⁵. De cunho educativo, o programa é parte de uma metodologia pedagógica que envolve o desenvolvimento de material didático, capacitação dos professores para o uso do programa radiofônico em sala de aula e a produção do programa em parceria com professores e alunos.

Durante trinta minutos o programa leva para a sala de aula 14 sessões alternadas, que contemplam a realidade da Amazônia, a voz das crianças e adolescentes, professores/as e comunitários/as, das zonas urbana e rural. Todas as sessões estimulam a leitura dos gêneros textuais presentes na escola e na sociedade (livros, cartazes, histórias, causos, rádio, tv, jornal, etc)⁶.

O programa é veiculado às segundas, quartas e sextas, no período matutino e vespertino, na Rádio Rural de Santarém, no Pará. Esta emissora é vinculada à Diocese de Santarém, através de sua Pastoral da Comunicação.

Com meia hora de duração, o programa segue alguns formatos tradicionais do gênero variedades, como boletins informativos, leitura de cartas dos ouvintes, reportagens especiais, agenda cultural, entre outros. A locução é feita por adultos e crianças, sendo que os adultos são normalmente representados pela figura do professor. Embora siga uma estética radiofônica clássica, o programa se apresenta como uma extensão da sala de aula, ou um elo entre a família, a igreja e a escola. A seguir alguns dos quadros que compõem o programa:

Que dia é hoje?

Apresentado no começo do programa, este quadro conta as curiosidades e acontecimentos importantes que são comemorados na data da transmissão. No dia 28 de abril de 2014 comemorou-se o Dia da Educação, com narrações de textos que

⁵ Criado em 1999, funciona como espaço de desenvolvimentos de projetos voltados à educomunicação em escolas do Pará, notadamente em Santarém e região. Em parceria com a Prefeitura de Santarém e a Diocese de Santarém, o PRPE recebe apoio da UNICEF, do Projeto Criança Esperança e da Fundação Banco do Brasil. O PRPE possui um blog no endereço www.radiopelaeducacao.blogspot.com.br.

⁶ Disponível em www.radiopelaeducacao.blogspot.com.br/p/o-que-e-o-projeto-radio-pela-educacao_4771.html. Acesso em 25/01/2014.

homenageavam o pedagogo Paulo Freire. Os locutores ressaltavam que, para Paulo Freire, o problema central do homem não era a alfabetização, mas a valorização da dignidade.

O programa do dia 22 de novembro de 2013 foi dedicado ao Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Santarém, que aconteceria no dia 08 de dezembro. Através de uma reportagem especial, foram dados os detalhes da festa que se aproximava; o grande evento do ano na cidade de Santarém, organizado pela Diocese e tendo a Rádio Rural como o seu *medium* oficial. Esta reportagem foi apresentada pelo repórter adulto Antônio Barreto.

Seção Aurelinho

Neste momento as próprias crianças explicam o significado de algumas palavras – normalmente relacionadas ao tema do dia, ou ao evento importante comemorado naquela data. As crianças perguntam aos seus ouvintes “viu como é fácil aprender, turma?”, logo após explicarem o que são eclipse, outono e Terra, por exemplo.

Papo dez

Entrevistas realizadas pelos repórteres da rádio nas diversas comunidades da região de Santarém. Os temas são normalmente atrelados aos acontecimentos da região; são entrevistados personagens locais, como professores, artistas ou escritores de cordel. É interessante notar neste quadro o forte caráter regional do programa.

Vamos ler juntos?

Quadro que apresenta uma leitura dramática de poemas, de literaturas de cordel ou cantigas de rodas. Apresentado por adultos e crianças, o quadro é posicionado no final do programa, normalmente seguido de dicas pedagógicas sobre o assunto levantado pela leitura. No programa do dia 30 de abril de 2014, o poema de Antônio Juraci Siqueira, declamado por uma criança, falava de botos; após a leitura, a professora sugeriu que em sala de aula as crianças fizessem pesquisas sobre os botos, os comparando com os golfinhos.

Em outro programa, foi proposto aproveitar o dia do músico, que se comemorava no mesmo dia da transmissão, para que cada aluno escolhesse uma música para brincar em sala de aula, com o objetivo de estimular a audição e curtir uma boa música. Nota-se mais uma vez a efetiva participação do programa nas dinâmicas pedagógicas dentro da sala de aula,

funcionando efetivamente como ferramenta de aprendizagem e vínculos entre alunos e professores.

Correio do aluno

O correio do aluno é o momento em que os locutores leem as cartas enviadas pelas crianças das escolas de comunidades próximas a Santarém. São notáveis os vínculos sonoros presentes na seção de correspondências entre ouvintes e o programa. Muitas das crianças que ouvem e participam do programa moram em aldeias afastadas de Santarém. Elas escrevem as cartas com o auxílio de suas professoras e, normalmente, elogiam o programa, os locutores e a escola onde estudam. Costumam mandar beijos e abraços aos colegas de sala, à professora e aos pais.

É o caso da aluna do 4º ano do colégio Rotary que diz gostar do programa e da professora. Manda abraços aos funcionários e aos amigos da escola, além dos pais e dos irmãos. Da comunidade de Peixuna, no Tapará, uma aluna da 7ª série na Escola Nossa Senhora Aparecida mandou alô aos professores e colegas de escola, nomeando todos, e aos pais. Em leitura resumida da carta da Raiana de 12 anos, 7ª série, os locutores entoam: “se fosse uma roseira te dava uma flor, como sou ouvinte te dou um alô”.

Os alunos da Escola São Domingos, da Comunidade Nova Sociedade no Rio Arapinhus, “escrevem com imenso prazer ao programa para mandar um alô para os professores e amigos”, como no caso da aluna Carina Lopes. Já a aluna Maria Vanderlaine, de 12 anos, escreve pela primeira vez e acha o programa uma maravilha; manda abraços para os colegas, citando seus nomes, aos pais e avós, e termina com o pequeno poema: “Escrevi numa rosa branca ‘rádio para a educação’. Veio um pássaro e disse ‘escreva no seu coração’”.

Os alunos das comunidades da região de Santarém são efetivos participantes do programa, reforçando seus vínculos familiares e afetivos através das cartas lidas ao vivo pelos apresentadores. Trata-se de vínculos que perpassam as mídias primárias, secundárias e terciárias, dos corpos dos alunos em vínculo com os de seus colegas, em brincadeiras na escola, no contato com os professores, que se codificam em abraços grafados em papéis e enviados à emissora, posteriormente lidas e irradiadas por ondas magnéticas novamente às aldeias, fechando um ciclo de pertencimento que extrapola os limites dos muros das casas, escolas, cidades e da emissora. A menina Raiana, bem como as outras crianças, dedicou um tempo de vida a sentar ao lado da professora e, juntas, escreveram uma carta para os

colegas, pais e, principalmente, reforçaram os laços que as unem, gravando em sinais gráficos e auditivos os momentos vividos juntos na sala de aula.

Contudo, esteticamente o programa faz uso de recursos repetidos por praticamente todas as outras propostas de rádio infantil, exigindo das crianças uma performance em frente ao microfone que é mimetismo, no sentido de repetição, das locuções dos adultos, com o agravante de seguirem roteiros de difícil compreensão e dicção. Muitas vezes as crianças pronunciam frases complicadas, desenvolvem (ou repetem) raciocínios elaborados para o texto escrito. Embora tenha um papel fundamental como ferramenta de aprendizado escolar e, principalmente, de vinculador entre alunos e professores das escolas de Santarém e região, falta ao programa a oportunidade de oferecer às crianças um espaço de criação e brincadeiras sem obrigações pedagógicas. Como apontava Postman, este problema está presente no modelo moderno de ensino e aprendizado, onde a escola forma adultos instruídos.

Como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos ainda não formados. A aprendizagem na escola identificou-se com a natureza especial da infância [...] E assim como no século dezenove a adolescência passou a ser definida pelo alistamento militar obrigatório, nos séculos dezesseis e dezessete a infância foi definida pela frequência escolar. A palavra *school-boy* (colegial) tornou-se sinônima da palavra *child* (criança) (POSTMAN, 1999, p. 55-56).

Isto quer dizer que o problema apontado na produção do programa Para Ouvir e Aprender não é isolado e reflete um sistema de aprendizado que perpassa todos os níveis educacionais. Também não é função desta pesquisa problematizar os métodos pedagógicos em vigor, tampouco propor soluções em forma de programação radiofônica que aponte para novos horizontes da relação ensino-aprendizado. Pretende-se apenas apontar que o ensino do rádio e pelo rádio está sujeito a métodos que não são necessariamente libertadores no sentido de se buscar novas formas de ouvir e produzir peças radiofônicas.

Brincadeiras Finais

Os exemplos apresentados são uma amostra das atuais produções radiofônicas para crianças. De caráter educativo ou puramente lúdico, direcionado ao público da Amazônia ou do Rio de Janeiro, o que se observam são possibilidades de uso dos programas radiofônicos como forma de vincular crianças através das brincadeiras, estejam elas do lado

produtor ou receptor do apartado radiofônico. Mais que transmitir narrativas, o rádio funciona como ambiente de experimentações sonoras, como uma forma de resgatar nas crianças a cultura do ouvir com o corpo todo. O aprendizado no rádio, portanto, não se limita ao conhecimento técnico, mas à capacidade de conhecer com o corpo todo. Atualmente o aprendizado está cada vez menos relacionado às experiências do corpo, mas à constante exposição às visualidades. Portanto, não é de se estranhar que as produções radiofônicas sejam resultado de dinâmicas sociais contemporâneas, que desvalorizam sobremaneira o desenvolvimento infantil – a experimentação – através de todos os sentidos.

Não está provado empiricamente que o rádio é mais ou menos libertador que a TV no estímulo à criatividade das crianças, mas é fato que a linguagem radiofônica carrega uma necessidade intrínseca de visualização, como uma espécie de concorrência com a estética da televisão. Seja pelas câmeras instaladas nos estúdios divulgando imagens pela internet, seja por fazer a criança “ver o programa pelo rádio”, a hiper-exposição imagética a qual somos sujeitos diariamente influencia diretamente nas elaborações dos programas de rádio. Desde os locutores esportivos que nos estimulam a reconstruir a imagem do campo de futebol às reportagens das emissoras *all news* que nos apresentam notícias em forma de verbalizações, abstraindo as sonoridades. Portanto, ao se falar em visibilidade, não se trata necessariamente de uma ideia da imagem pictórica no rádio, mas da subtração do sonoro em prol da construção narrativa verbal, mais eficiente e econômica.

As brincadeiras radiofônicas servem também como forma de olharmos criticamente para o próprio *savoir faire* radiofônico, apontando as deficiências de uma linguagem estritamente linear, submetida aos ditames do cronômetro (SCHAFER, 2008) e carregado de visualidades em seus conteúdos sonoros. Brincando, as crianças desmontam o rádio, transformando ambientes de transmissão de informações em ambientes de sons de fantasia, máscaras e vínculos. O resgate da Cultura do Ouvir deveria ser uma estratégia de resiliência do rádio, desde que este se assuma como algo mais complexo: um ambiente de abraços sonoros, colocados em prática em forma de performances narrativas, sons, movimentos do corpo. E ninguém melhor que uma criança para provocar tamanha confusão.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura.** São Paulo: Hacker, 2005.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma. Esboços para uma Teoria da Mídia.** São Paulo: Paulus, 2010.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens.** Lisboa: Cotovia, 1990.

GEBAUER, Günter; WÜLF, Christoph. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas.** São Paulo: Annablume, 2004.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. “Radio e criança: um estudo sobre a ausência de programação infantil nas emissoras de porto alegre”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA – USP, 1988.

MENEZES, José Eugenio O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.

MENEZES, J. E. O.; CARDOSO, M. (Orgs). **Comunicação e cultura do ouvir.** São Paulo: Plêiade, 2012.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVA, Júlia Lúcia de O. Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica.** São Paulo: Annablume, 1999.

SCHAFER, M. “Rádio Radical e a nova paisagem Sonora”. *In:* MEDITSCH, E.; ZUCULOTO, V. (Orgs). **Teorias do rádio: textos e contextos.** v.2. Florianópolis: Insular, 2008.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo.** Organização e apresentação de Etienne Samain. São Paulo: Papyrus, 1998.

WULF, Christoph. **Homo pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado.** São Paulo : Hedra, 2013.